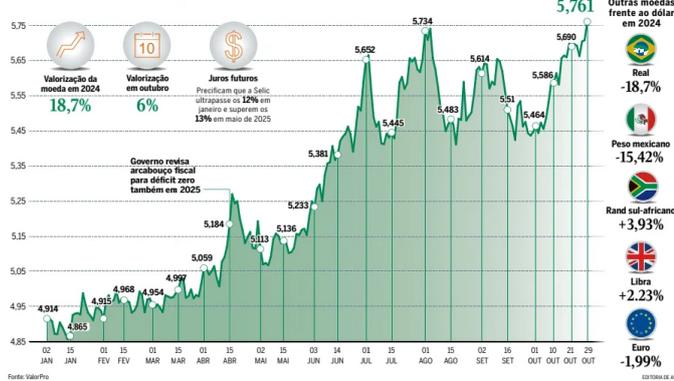


# Indefinição sobre corte de gastos leva dólar à maior cotação desde 2021

A MOEDA AMERICANA NO ANO (EM R\$)



## MERCADO COBRA ANÚNCIO DE MEDIDAS

# DÓLAR SOBE A R\$ 5,76, MAIOR NÍVEL DESDE 2021

## Haddad diz que cortes não têm data, e mercado reage; juro futuro avança

ISA MOREIRA VISTA E THAIS BARCELLOS

O mercado financeiro cobrou ontem o preço da falta de medidas do governo para o ajuste fiscal. O dólar fechou a R\$ 5,7610, alta de 0,92%, alcançando o maior patamar desde março de 2021. O mau humor se estendeu ao mercado de juros futuros, com alta das taxas, e atingiu o Ibovespa, que fechou em baixa de 0,37%.

Há duas semanas, a equipe econômica do governo vem discutindo um pacote de corte de gastos, esperado pelo mercado. As medidas seriam anunciadas depois das eleições. Ontem, um dia depois de se reunir com o presidente Lula por duas horas, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, frustrou as expectativas e disse que "não tem uma data" para o anúncio de medidas.

— Ele (Lula) está pedindo informações e estamos fornecendo. Não tem uma data. Ele que vai definir. Estamos avançando na conversa, estamos falando com o Planejamento — disse o ministro.

Após a fala de Haddad, o dólar, que já estava em alta, subiu ainda mais, e os juros futuros subiram. A taxa do DI para janeiro de 2025 foi a 12,74%.

Gestores do mercado financeiro com interlocução em Brasília relataram ao GLOBO insatisfação com diferentes sinalizações e a demora do governo em apresentar um plano concreto e factível de cortes de despesas. Ao mesmo tempo em que, nos encontros, o governo

tem sustentado o discurso de que o corte é urgente, a declaração de ontem de Haddad gerou mais incertezas. Diferentes versões para o tamanho do corte também geraram ruídos. Números da ordem de R\$ 50 bilhões já circularam em rodas de conversa, embora o ministro tenha dito ontem que sóalaria em valores depois de a decisão ser tomada.

### REUNIÃO HOJE

Após um dia de nervosismo do mercado financeiro, Haddad, se reuniu novamente com o presidente Lula na noite da noite de ontem. O encontro, no Palácio da Alvorada, teve a participação do futuro presidente do BC, Gabriel Galipolo, e dos secretários executivos da Fazenda, Dario Durigan, e

**Q** “Ele (Lula) está pedindo informações e estamos fornecendo. Não tem uma data. Ele que vai definir”

— Fernando Haddad, ministro da Fazenda, sobre medidas de cortes de gastos

“O mercado tem dúvidas de que o presidente se convenceu”

— Tony Volpon, ex-diretor de assuntos internacionais do Banco Central

Guilherme Mello, secretário de Política Econômica. Haddad deixou o Alvorada pouco depois das 22h.

Os ministros da Junta de Execução Orçamentária se reunem hoje para discutir o assunto. Ela é chefiada por Rui Costa (Casa Civil) e composta também por Haddad, Simone Tebet (Planejamento) e Esther Dweck (Gestão). Segundo Tony Volpon, ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, a indefinição sobre os cortes de gastos e a condução da política fiscal como um todo contribuem para a perspectiva de que o governo não está dando sustentação ao arcaibouço fiscal.

Volpon avalia que o mercado enxerga que Haddad e a equipe econômica compreendem a necessidade de um ajuste fiscal. Todavia, na

visão do mercado, o presidente Lula é um dos principais obstáculos a impedir que cortes sejam aprovados: — Haddad entendeu isso, cilhou números e viu o grande risco (do descontrole de gastos) que tem efeitos nefastos para a economia brasileira. E agora está tentando endereçar para o presidente. E o mercado tem dúvidas de que o presidente se convenceu.

O ministro garantiu ontem que não há veto por parte do presidente sobre qualquer proposta e que está reunindo mais dados para Lula decidir.

Para Elson Gusmão, diretor de câmbio da Cunamin, o mercado esperava que o pacote já tivesse sido anunciado: — Quando o governo falou que depois das eleições municipais vai divulgar esse pacote de gastos, acabou deixando o mercado à espera dessa sinalização. Mas até o momento não há nenhuma sinalização, e acaba sendo uma quebra de expectativa.

Os economistas avaliam que as dúvidas do mercado quanto à condução da política fiscal pelo governo atual não são de hoje. Volpon diz que se o governo não enfrentar a questão fiscal de forma estrutural, a inflação e as taxas de juros continuarão pressionadas. Ontem, os contratos de juros futuros subiram precificando Selic a 13% em maio de 2025.

### EFEITO TRUMP

Além da perspectiva fiscal, Volpon cita que o cenário externo também prejudica a moeda brasileira. O crescimento de Donald Trump nas pesquisas eleitorais americanas e a possível vitória do republicano ajudaram o dólar a subir em relação ao real e a outras moedas de mercados emergentes: — Se olharmos para a agenda econômica (de Trump), você tem um conjunto de medidas que deve aumentar o nível de inflação dos EUA, muito baseado em corte de impostos, com pouca atenção do lado das despesas.

Outro fator que puxou o dólar para cima ontem foi o resultado das contas externas brasileiras, que vem piorando desde início do ano. O déficit em transações correntes nos 12 meses até setembro ficou em US\$ 45,8 bilhões, o equivalente a 2,07% do Produto Interno Bruto (PIB). Segundo dados do BC, a primeira vez, desde abril de 2023, que o resultado superou 2% do PIB. Em janeiro, o déficit acumulado estava em 0,78% do PIB. Um mês depois, caiu para 0,75% do PIB e passou a subir mês a mês até setembro.

Colaborou Jennifer Galante

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 21